



MÉTODOS SONOROS PARA A INVESTIGAÇÃO GEOGRÁFICA

Daniel Paiva¹

Começar por escutar

Ainda que a constituição da geografia enquanto disciplina universitária tenha sido assente numa abordagem de pesquisa essencialmente visual, os geógrafos têm expandido a sua perspetiva em direção a uma abordagem multissensorial². Neste âmbito, assume destaque uma maior exploração do som, tanto enquanto objeto de estudo como enquanto instrumento de pesquisa. Hoje, existe um manancial significativo de métodos geográficos exclusivamente assentes na recolha, tratamento e análise de dados sonoros, e métodos tradicionais como a cartografia, a entrevista ou o diário têm sido adaptados para uma maior atenção ao conhecimento aural. Nesta viragem para o sonoro está implícita uma maior valorização do escutar enquanto método de observação geográfica. Deve ser salientado que o escutar não é uma ferramenta nova para os geógrafos. Escutar faz há muito tempo parte das metodologias geográficas – por exemplo, quando percorremos a paisagem ou quando ouvimos pessoas que entrevistamos –, mas apenas recentemente tem sido dada atenção crítica ao potencial epistemológico desta prática aparentemente simples³. Em particular, tem sido salientado que o som pode oferecer-nos informação ambiental que não obtemos de outra forma quando a sua

¹ Doutoramento Europeu em Geografia pela Universidade de Lisboa. Investigador no Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa, ao abrigo do Concurso Estímulo de Emprego Científico (CEECIND/03528/2018). daniel.paiva@campus.ul.pt

² TORRES, M. A.; KOZEL, S. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais na geografia. **Ra'e Ga - O Espaço Geográfico Em Análise**, n. 20, p. 123–132, 2010. PHILLIPS, R. Playful and multi-sensory fieldwork: seeing, hearing and touching New York. **Journal of Geography in Higher Education**, v.39, n.4, p. 617-629, 2015.

³ BENNETT, K.; COCHRANE, A.; MOHAN, G.; NEAL, S. (2015). Listening. **Emotion, Space and Society**, v.17, p. 7–14, 2015.

fonte não é acessível através de outros sentidos, o que é comum em várias paisagens⁴. Por outro lado, o som – através de inflexões vocais, de música, ou de outras práticas sonoras afetivas – providencia-nos informação emocional e codificada que não é facilmente transcrita para texto⁵. Por último, o ambiente sonoro é um campo de partilha e mistura, e por isso, um terreno fértil para explorar temas relacionados com a formação de comunidades e co-existência⁶. Por estes motivos, escutar tem sido reconhecido como um método geográfico de excelência, mas não sem os seus limites. Cingir a pesquisa geográfica ao escutar pode deixar silêncios que escondem os mais vulneráveis⁷. Assim, a pesquisa sonora resulta melhor quando enquadrada numa combinação de métodos, ou quando a pesquisa assume um âmbito multi- ou pelo menos, intersensorial⁸.

Neste curto ensaio, abordo o potencial do escutar enquanto método geográfico, elencando vários métodos que têm sido transformados ou apropriados por geógrafos, para depois refletir brevemente sobre outras possibilidades dos métodos sonoros.

A fonografia

O termo fonografia refere-se às práticas e tecnologias de gravação de som. A fonografia começou a ser usada por geógrafos apenas nos anos recentes, na sequência de um interesse crescente no elemento sonoro das paisagens e dos lugares⁹. O potencial da fonografia enquanto método geográfico está em primeiro lugar na forte ligação entre o investigador e o ambiente físico que este processo induz¹⁰. A fonografia implica um processo de exploração da paisagem e decisão sobre o ponto de escuta ideal para a gravação. Dado que os sons de um lugar podem oscilar de forma extrema de um momento para o outro, à medida que os elementos da paisagem se movem ou as suas condições se alteram, a gravação de campo obriga a um conhecimento profundo dos ritmos (diários, horários, etc.) e fluxos de um lugar. A esta etapa de exploração, segue-se uma etapa de gravação e de playback. Estes passos são

⁴ GALLAGHER, M.; PRIOR, J. (2014). Sonic geographies: Exploring phonographic methods. **Progress in Human Geography**, v.38, n.2, p. 267–284, 2014.

⁵ KANNGIESER, A. A sonic geography of voice: Towards an affective politics. **Progress in Human Geography**, v.36, n.3, p. 336–353, 2012.

⁶ LABELLE, B. **Acoustic territories. Sound culture and everyday life**. Londres: Bloomsbury, 2010.

⁷ PAIVA, D. Sonic geographies: themes, concepts, and deaf spots. **Geography Compass**, v.12, n.7, p. e12375, 2018. MACFARLANE, K. Negative Research: Sonic Methods in Geography and Their Limits. **The Professional Geographer**, v.72, n.2, p. 297-308, 2020.

⁸ PAIVA, D. Poetry as a resonant method for multi-sensory research. **Emotion, Space and Society**, 34, p. 100655, 2020.

⁹ GALLAGHER, M. Field recording and the sounding of spaces. **Environment and Planning D: Society and Space**, v.33, n.3, p. 560–576, 2015.

¹⁰ GALLAGHER, M.; KANNGIESER, A.; PRIOR, J. (2017). Listening geographies: landscape, affect and geotechnologies. **Progress in Human Geography**, v.41, n.5, p. 618–637, 2017.

importantes porque os equipamentos de gravação captam o som de uma maneira diferente dos ouvidos humanos, portanto nem sempre a gravação irá corresponder àquilo que se ouviu diretamente. A gravação de som pode ser analisadas de diferentes perspectivas¹¹. Primeiro, ela pode ser analisada como um conjunto de dados empíricos acerca de um lugar, sendo sujeita a uma análise de conteúdo para categorizar os sons audíveis, ou ser usada como documento aural para descrever um evento ou a atmosfera de um lugar. Por outro lado, a gravação pode ser analisada como uma representação de um lugar, sendo entendida como um artefacto que contém marcos sonoros que podem ser compreendidos como representativos de uma cultura, evento, ou prática social. Por último, ela pode ser analisada como um elemento performativo que exprime as relações entre corpos, objetos e espaços que deram origem à gravação, sendo aqui fundamental não só analisar a gravação, mas refletir sobre todo o processo de recolha de sons. Um exemplo do uso de fonografia é o estudo de Frias sobre o uso do som por vendedores ambulantes e artistas de rua para captar a atenção de consumidores no centro do Rio de Janeiro, no qual ele usa as gravações das suas caminhadas como método para desvendar e refletir sobre o papel do som como fator na geografia política dos espaços públicos¹². A fonografia pode também ser combinada com outros métodos em investigações multissensoriais. Embora ainda com pouca frequência, alguns geógrafos têm usado a fonografia como parte de métodos participativos, pedindo aos participantes em investigações para gravar e georreferenciar sons, por exemplo, através de aplicações de telemóvel que o permitam¹³.

A caminhada sonora

Andar faz parte do trabalho de campo de um geógrafo praticamente desde o início da geografia enquanto disciplina académica. Não obstante, apenas neste século têm surgido reflexões aprofundadas sobre caminhar enquanto método geográfico¹⁴. Entre elas, encontram-se algumas discussões sobre a utilização do método da caminhada sonora por geógrafos. Este método foi concebido por Hildegard Westerkamp para promover a consciência aural das pessoas, isto é, fazê-las estar mais atentas ao ambiente sonoro que as rodeia¹⁵. Neste século,

¹¹ GALLAGHER, M.; PRIOR, J. (2014). Sonic geographies: Exploring phonographic methods. **Progress in Human Geography**, v.38, n.2, p. 267–284, 2014.

¹² FRIAS, R. Uma trilha sonora no largo da carioca: caminhadas de escuta e observação como método de investigação dos espaços públicos. **Geografares**, v.26, p. 235-253, 2018.

¹³ STEVENSON, A.; HOLLOWAY, J. Getting participants' voices heard: using mobile, participant led, sound-based methods to explore place-making. **Area**, v.49, p. 85-93, 2017.

¹⁴ PIERCE, J.; LAWHON, M. Walking as Method: Toward Methodological Forthrightness and Comparability in Urban Geographical Research. **The Professional Geographer**, v.67, n.4, p. 655-662, 2015.

¹⁵ WESTERKAMP, H. Soundwalking. **Sound Heritage**, v.III, n.4, 18-27, 1974.

os geógrafos têm-se apercebido do potencial deste método não só para promover a consciência sonora, mas para promover uma consciência mais abrangente de todo o ambiente que nos rodeia, não só na sua componente natural e ecológica, mas também na sua relação com o bem-estar do nosso corpo. Ao mesmo tempo, a caminhada sonora permite estudar a relação cognitiva, sensorial, e emocional que as pessoas estabelecem com o ambiente que as rodeia, obtendo informações importantes sobre tópicos como o bem-estar, a memória espacial, ou a criação de representações espaciais¹⁶. Na prática, a caminhada sonora consiste em realizar um percurso com uma atenção especial aos sons que se ouvem, podendo-se incluir também outros estímulos sensoriais. Por exemplo, Malanski realizou caminhadas sonoras para explorar a relação dos sons cotidianos do Calçadão de Londrina com os usos e as formas de organização espacial nesse local¹⁷. Com isto, o geógrafo conseguiu identificar as práticas que manipulavam estrategicamente a produção de som por diferentes sujeitos e grupos que atuam nos espaços públicos e privados do Calçadão com o objetivo de marcar, ambientar e demarcar espaços vividos.

A entrevista com elicitación de som

A importância do escutar nas entrevistas tem sido sublinhada por alguns geógrafos que têm notado que existe informação afetiva e emocional que se perde ao se transcrever a fala para escrita, e que pode ser importante para perceber a importância do conteúdo dessa fala¹⁸. No entanto, outros geógrafos têm ido mais longe, explorando o uso de gravações de som para solicitar respostas aos entrevistados. Este é um caso de entrevista com elicitación de materiais, que consiste numa entrevista que, em vez de ser conduzida exclusivamente por um investigador que coloca questões nas quais pensou anteriormente, consiste num diálogo sobre determinados materiais que representam espaços, lugares ou paisagens. O processo da entrevista com elicitación de som é simples. O geógrafo reproduz gravações sonoras e pede ao entrevistado que as descreva e comente. Estes materiais podem ter sido recolhidos previamente pelo geógrafo, ou este pode ter pedido antes ao entrevistado que recolhesse sons para a entrevista. Neste segundo caso, o participante tem uma liberdade maior para exprimir a sua visão do mundo, mas pode ser mais difícil dirigir a entrevista para os tópicos de interesse do investigador. Por outro lado, a entrevista com elicitación de sons pode deste modo ser um

¹⁶ BUTLER, T. A walk of art: the potential of the sound walk as practice in cultural geography. **Social & Cultural Geography**, v.7, n.6, p. 889-908, 2006.

¹⁷ MALANSKI, L. Geografia dos sons cotidianos: as sonoridades do Calçadão de Londrina, Paraná. **Geograficidade**, v.8, n.especial, p. 126-140, 2018.

¹⁸ KANNIGESER, A. A sonic geography of voice: Towards an affective politics. **Progress in Human Geography**, v.36, n.3, p. 336-353, 2012.

método generativo de co-criar questões de investigação com os entrevistados. Isto é, ao escutar gravações de som com os participantes, o geógrafo pode procurar definir questões de investigação com os participantes, ao invés de questionar o participante com perguntas pré-definidas¹⁹. Um exemplo do uso de elicitación de som em entrevistas é o estudo de Duffy e Waitt sobre as práticas de cuidar de casas e a sua sustentabilidade²⁰. Após pedirem a um número de entrevistados para realizarem diários sonoros nas suas habitações, os geógrafos entrevistaram os participantes usando a reprodução dos sons gravados para guiar a conversa. Deste modo, os participantes puderam apresentar as suas práticas íntimas realizadas no seu lar sem se exporem em demasia, e os investigadores tiveram a oportunidade de colocar questões sobre práticas específicas e como elas são enquadradas pelas ideias sobre sustentabilidade dos participantes. Enquanto numa entrevista tradicional o diálogo sobre a sustentabilidade das práticas dos participantes corria o risco de se manter num plano abstrato, a entrevista com elicitación permitiu relacionar as ideias abstratas com práticas concretas.

Os diários áudio e sonoro

Neste século, o método do diário tem recebido atenção considerável pela comunidade geográfica enquanto método de excelência para abordar a vida quotidiana da perspectiva de quem a pratica e a experiencia. Neste âmbito, têm sido realizadas algumas experimentações com diários envolvendo som. Nomeadamente, Worth aplicou o método dos diários áudio num estudo com participantes com deficiências visuais²¹. Os diários áudio replicam exatamente o processo do diário, com a diferença de que é pedido ao participante que faça uma gravação áudio da sua entrada no diário em vez de o escrever. Para além da possibilidade de incluir participantes que por algum motivo não têm acesso à escrita, a gravação da voz permite aos participantes exprimir o seu fluxo de consciência, sendo a informação recolhida menos filtrada pelo pensamento. Embora esta não se torne automaticamente mais honesta, pode fazer com que o participante se sinta mais confortável em partilhar informação. Por outro lado, Duffy e Waitt desenvolveram o método do diário sonoro para estudar os aspetos subjetivos da experiência espacial sonora²². Este método contém duas fases realizadas com um grupo de

¹⁹ PAIVA, D. Assessing sonic affects in everyday life: looking for metacognition and Metaemotion. **Qualitative Research Journal**, v.16, n.1, p. 80–91, 2016.

²⁰ DUFFY, M.; WAITT, G. Home sounds: experiential practices and performativities of hearing and listening. **Social & Cultural Geography**, v.14, n.4, p. 466-481, 2013.

²¹ WORTH, N. Making Use of Audio Diaries in Research with Young People: Examining Narrative, Participation and Audience. **Sociological Research Online**, v.14, n.4, p. 77–87, 2009.

²² DUFFY, M.; WAITT, G. Sound diaries: a method for listening to place. **The Journal of Media Geography**, v.VII, p. 119-136, 2011.

participantes. Primeiro, é pedido aos participantes para gravarem sons que acham significantes durante um determinado período. A escolha desses sons pode ficar inteiramente a cargo dos participantes, ou podem ser dadas instruções específicas sobre os sons a recolher. Na segunda fase, o investigador e o participante analisam o material juntos e conversam sobre o que foi gravado e porquê. Segundo Duffy e Waitt (2011), esta conversa permite tanto captar a performatividade da experiência situada e corpórea, como refletir e expressar o modo como o participante interpreta essa experiência. Deste modo, o diário sonoro é um método útil para produzir conhecimento sobre como a experiência do espaço e dos eventos dá lugar a emoções, pensamentos, memórias e representações, especialmente através da relação entre corpo, sentidos e lugares.

A cartofonia

A cartofonia é um termo que descreve todas as práticas de mapeamento que incluem o levantamento, georreferenciação, digitalização ou análise do ambiente sonoro²³. O mapeamento de som era uma prática pouco comum até à década de 1990 quando as tecnologias informáticas começaram a permitir a inclusão de ficheiros de som em sistemas de informação geográfica²⁴. Desde então, têm sido publicados alguns estudos que posicionaram a cartofonia como um método efetivamente geográfico²⁵. Os mapas de som mais tradicionais são o mapa de ruído quantitativo, que geralmente consiste na representação espacial da média da pressão sonora num determinado período, e os mapas de perfil de som, que consistem numa representação cartográfica das fontes de som mais emblemáticas de um lugar²⁶. Mas não é absolutamente necessário que o mapeamento de som assente em coordenadas geográficas. Por exemplo, Duffy, Waitt e Harada desenvolveram o método do mapeamento sónico visceral, que consiste na criação de mapas de descrições escritas a partir de gravações sonoras²⁷. No entanto, o método mais popular têm sido os mapas sonoros interativos, que consistem em plataformas digitais, frequentemente disponibilizadas na internet, nas quais ficheiros de som são disponibilizados numa base geográfica como o OpenStreetMap ou o

²³ THULIN, S. Sound maps matter: expanding cartophony. **Social & Cultural Geography**, v.19, n.2, p. 192–210, 2018.

²⁴ KRYGIER, J. (1999). Cartographic Multimedia and Praxis in Human Geography and the Social Sciences. In: CARTWRIGHT, W. et al. (Eds.). **Multimedia Cartography**. Londres: Springer, 1999, p. 245-255.

²⁵ Brauen, G. Designing Interactive Sound Maps Using Scalable Vector Graphics. **Cartographica: The International Journal for Geographic Information and Geovisualization**, v.41, n.1, p. 59–72, 2006.

²⁶ SZEREMETA, B.; ZANNIN, P. A percepção dos praticantes de atividade física sobre a qualidade ambiental sonora dos parques públicos de Curitiba- Paraná. **Ra'e Ga - O Espaço Geográfico Em Análise**, v.33, p. 7–43, 2015.

²⁷ DUFFY, M.; WAITT, G.; HARADA, T. Making sense of sound: Visceral sonic mapping as a research tool. **Emotion, Space and Society**, 20, 49–57, 2016.

Google Maps. Existem algumas plataformas digitais que permitem criar este tipo de mapas com relativa facilidade, como a Radio Aporee. Embora muitos destes mapas sejam principalmente um arquivo documental de sons, a mais-valia de um mapa sonoro interativo é o facto de permitir estabelecer uma relação mais profunda entre o mapa e a experiência ambiental. A introdução do som permite incorporar uma série de informações ambientais qualitativas que de outro modo seriam impossíveis de representar num mapa, contribuindo para uma sensação de presença, navegação, e maior conexão entre o utilizador e o espaço mapeado²⁸. Alguns geógrafos têm desenvolvido mapas sonoros interativos especificamente para funcionar como guias de lugares²⁹. Outros têm produzido mapas sonoros interativos para contar histórias e narrativas através da introdução de composições sonoras cinemáticas no mapa³⁰.

Conclusão

A geografia, no decorrer deste século, assumiu o escutar como uma prática epistemológica alternativa ao olhar. Se no início esta prática partiu de geógrafos interessados nas espacialidades do som, cedo se percebeu que o som é em si um meio para se recolher dados sobre todos os fenómenos de interesse para a geografia humana. Assim, a fonografia avança e interliga-se a métodos tradicionais como a caminhada, a entrevista, o diário, e a cartografia.

Se o escutar se afirmou como abordagem geográfica, é também verdade que outras práticas sónicas não foram ainda exploradas, nomeadamente aquelas focadas não na receção aural, mas na produção sonora. Neste sentido, termino este curto ensaio com duas propostas para a expansão do som como prática geográfica. A primeira prática é amplificar. Como referido, alguns geógrafos têm usado a fonografia como parte de métodos participativos ou criado mapas sonoros interativos para contar histórias e narrativas. Tais práticas têm o potencial de amplificar vozes e sons, expandindo a sua geografia ao reproduzi-los noutros contextos sócio-espaciais. Deste modo, corpos vulneráveis ou marginalizados podem ser empoderados através do som. A segunda prática é ressoar. A ressonância é uma prática epistemológica que implica a conjugação de sujeitos e objetos em experiências partilhadas sintonizadas com a empatia e o conhecimento mútuo, uma prática que tem sido aplicada em abordagens criativas na

²⁸ MALANSKI, L. O Interesse dos Geógrafos pelos Sons: alinhamento teórico e metodológico para estudos das paisagens sonoras. **Ra'e Ga - O Espaço Geográfico Em Análise**, v.40, p. 145–162, 2017.

²⁹ LAAKSO, M.; SARJAKOSKI, L. Sonic Maps for Hiking—Use of Sound in Enhancing the Map Use Experience. **The Cartographic Journal**, v.47, n.4, p. 300-307, 2010.

³⁰ CAQUARD, S.; BRAUEN, G.; Wright, B.; JASEN, P. Designing sound in cybercartography: From structured cinematic narratives to unpredictable sound/image interactions. **International Journal of Geographical Information Science**, 22, 1219–1245, 2008.

geografia³¹. Ressoar implica criar condições para a escuta mútua, colocar diferentes corpos em diálogo. Num mundo de futuro imperscrutável em que a sombra da tirania oscila no horizonte, amplificar e ressoar são práticas que a geografia deve assumir como ferramentas de conhecimento mútuo com vista a desempenhar um papel ativo na transformação sustentável.

³¹ DE LEEUW, S.; HAWKINS, H. Critical geographies and geography's creative re/turn: poetics and practices for new disciplinary spaces. **Gender, Place and Culture**, v.24, p. 303–324, 2017.